

Juiz e parte

Quarenta jogos da Liga com nota negativa para o árbitro ou para o VAR. Destes, dezanove envolveram FC Porto, Sporting e Benfica, os três primeiros classificados. E foi o Benfica quem saiu pior na fotografia: um único lance a seu favor, por erro e cinco contra. Menos beneficiado, mais prejudicado de todos.

Antes que me acusem de paranoia encarnada: não, não vejo aqui um plano para afundar o Benfica. Os números, lidos a frio, não provam perseguição. Provam outra coisa, mais incómoda. Provam que continuamos a tratar o erro do árbitro de campo e o erro do VAR como se fossem a mesma coisa. Não são. O árbitro decide em fração de segundo, de um só ângulo, à velocidade real, com vinte e dois corpos a taparem-lhe a vista. É humano errar assim. O VAR não. Tem várias câmaras, tem repetição, tem câmara lenta, tem tempo e tem mais do que um par de olhos na sala. Quando o VAR erra, erra com tudo a seu favor para acertar. É um erro de outra natureza e de outra gravidade.

E aqui entra o economista que há em mim. Em que outra profissão se admite este volume e esta dimensão de erro, com toda a informação disponível, sem consequência séria? Num hospital, num tribunal, num banco, numa auditoria, ninguém sobreviveria. No futebol, sobrevive-se sempre. Houve castigos exemplares esta época? Não houve.

Dirão que a maioria destes erros não mexeu na atribuição de pontos. Talvez. Mas a maioria não é todos, e cada ponto vale aqui um título, um apuramento, dezenas de milhões em receita europeia. O erro tem preço, mesmo quando fingimos que não tem. E houve alguns bem reais: por exemplo, mesmo ao photo-finish para o lugar de acesso à Champions, Rui Oliveira no VAR não chamou o árbitro de campo Gustavo Correia por um corte de Rodrigo Pinheiro com o braço a um cruzamento de Schjelderup. A explicação não é a malícia, é o desenho institucional. É a mesma casa, a Federação, que nomeia os árbitros, que os avalia e que os pune. Muda a sigla, do Conselho de Arbitragem para o Conselho de Disciplina, mas a morada é a mesma. Quem é juiz e parte tende a ser indulgente consigo próprio. Não é maldade; é incentivo.

A saída não é nova, está inventada. Em Inglaterra, a gestão da arbitragem vive numa entidade própria, separada da federação, e um painel independente, com antigos jogadores e treinadores, avalia semanalmente os lances decisivos, incluindo as decisões do VAR. Escrutínio de fora, não de dentro.

É isso que falta cá: uma avaliação independente, de terceiros, que tire à própria estrutura o monopólio de se julgar a si mesma. Enquanto não a tivermos, repetiremos a época que agora acabou: a da complacência com o erro grosseiro. E o Benfica, com razões de queixa, continuará a contá-las. Que a próxima comece por aqui.